



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

FARMACOLOGIA E AS CONCEPÇÕES SOCIAIS: UMA REVISÃO SOBRE O USO DE CONTRACEPTIVOS HORMONAIS¹

PHARMACOLOGY AND SOCIAL CONCEPTIONS: A REVIEW ON THE USE OF HORMONAL CONTRACEPTIVES

Laisa Caroline Eleutherio de Almeida², André Farias Zambon³, Gabriela Matte Bertoldi⁴, Larissa dos Santos⁵, Vanessa Adelina Casali Bandeira⁶

¹ Pesquisa Institucional vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso em Farmácia desenvolvido na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI)

² Discente do Curso de Farmácia da UNIJUI, Técnica em Química, laisa.almeida@sou.unijui.edu.br

³ Discente do Curso de Farmácia da UNIJUI, Técnico em Química, andre.zambon@sou.unijui.edu.br

⁴ Discente do Curso de Farmácia, gabriela.bertoldi@sou.unijui.edu.br

⁵ Discente do Curso de Farmácia da UNIJUI, Técnica em Química, larissa.ds@sou.unijui.edu.br

⁶ Professora orientadora, Docente da UNIJUI, Farmacêutica, Mestre em Atenção Integral à Saúde, vanessa.bandeira@unijui.edu.br

RESUMO

A pílula anticoncepcional foi um marco histórico, científico e social da década de 60. As questões demográficas, religiosas e de segurança cercavam o tema, além do papel da indústria farmacêutica e do profissional farmacêutico que na época, ainda procurava demarcar seu espaço como especialista em saúde. Após mais de 60 anos da produção da primeira versão dos anticoncepcionais, dúvidas em relação aos seus riscos e benefícios ainda são fortemente presentes entre suas usuárias. É notório a presença de múltiplos fatores envolvidos para definição de risco ou não para uma usuária de contraceptivos hormonais, contudo a concentração de hormônios apresentada nas novas gerações de anticoncepcionais se mostra cada vez mais baixa, justificando seu uso com segurança para mulheres que não tenham fatores de risco associados. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo refletir acerca dos aspectos farmacológicos e concepções sociais do uso de anticoncepcionais hormonais.

Palavras-chave: Anticoncepção. Anticoncepcionais orais combinados. Métodos contraceptivos.

INTRODUÇÃO

A pílula anticoncepcional foi um marco histórico, científico e social da década de 1960. As questões demográficas, religiosas e de segurança cercavam o tema, além do papel da indústria farmacêutica e do profissional farmacêutico que na época, ainda procurava demarcar seu espaço como especialista em saúde (DIAS *et al.*, 2018). O primeiro anticoncepcional hormonal produzido, o Enovid, foi criado em 1957 nos Estados Unidos da América, e a



primeira década de sua utilização foi marcada pelo entusiasmo e pela confusão acerca dos benefícios e riscos que este novo medicamento trazia consigo. A possibilidade de optar ou não pela gravidez se tornava possível, mas junto dessa importantíssima causa, vieram as primeiras notificações dos casos de tromboembolismo, que trouxeram à tona dúvidas relacionadas aos órgãos reguladores (FDA – *Food and Drug Administration*) e a categoria médica (LACKYE; FAIRCHILD, 2016).

Dados brasileiros de 2006 revelam que cerca de 81% das mulheres que mantêm alguma forma de união, fazem uso de métodos de contracepção, sendo a camisinha masculina e os anticoncepcionais orais os métodos mais utilizados (PNDS, 2006). Além disso, 66% das mulheres sexualmente ativas, entre 15 e 19 anos já fizeram uso de algum método contraceptivo (PNDS, 2006). Estes números demonstram a necessidade de orientação às usuárias desses medicamentos, compreendendo suas especificidades, onde fatores de risco devem ser analisados pelo prescritor, procurando o melhor tratamento possível para a mulher.

Uma revisão de artigos que incluiu ensaios clínicos randomizados, estudos de caso-controle e estudos de coorte, com um nível de evidência do *Center for Evidence Based Medicine* (da *Oxford University*, Reino Unido), concluiu que a tomada de anticoncepcionais orais continuamente ou por longos períodos parece fornecer benefícios às suas usuárias, em relação a diminuição dos sintomas menstruais, bem como sintomas relacionados ao surgimento de endometriose (HEE; KETNER; VEJTORP, 2013). Contudo, a Sociedade Brasileira de Cardiologia diz que os benefícios quanto ao uso de contraceptivos orais combinados superam os riscos, mas que existe aumento da ameaça do surgimento de eventos cardiovasculares como trombose arterial e venosa em pacientes com fatores de risco, já em pacientes sem fatores associados, o risco existe, mas torna-se baixo (SBC, 2015).

Após mais de meio século do surgimento do primeiro anticoncepcional hormonal, os debates em relação a este assunto ainda são intensos, e as opiniões divergem sobre o emprego desses medicamentos. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo refletir acerca dos aspectos farmacológicos e concepções sociais do uso de anticoncepcionais hormonais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura, realizada entre março e agosto de 2021. Nas bases de dados: Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e PubMed. Nas plataformas, buscou-se por publicações relacionadas ao uso de anticoncepcionais orais e



sua associação com o aparecimento de efeitos negativos à saúde da mulher, bem como características específicas quanto à escolha.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2006, o Ministério da Saúde lançou o Caderno de Atenção Básica - Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva, que norteia o trabalho de profissionais da saúde acerca do tema. Este trabalho, afirma que o direito reprodutivo e sexual é uma das prioridades na atenção básica, sendo que os profissionais devem qualificar-se para atender todos os indivíduos em suas especificidades. Sabe-se que dentro dos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, estabelecidos na Conferência do Milênio no ano de 2000 (ONU - Organização das Nações Unidas), quatro estão relacionados a saúde sexual ou reprodutiva, sendo elas: promoção de igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; melhoria da saúde da mulher; combate ao HIV-Aids, malária e outras doenças; e a redução da mortalidade infantil. Demais pactos, convenções e conferências internacionais, além de programas do Ministério da Saúde brasileiro, resultam em políticas públicas que promovam igualdade racial, étnica, de gênero, de geração e de orientação sexual, e que além disso, sejam serviços de qualidade. Diante disso, um dos princípios do SUS (Sistema Único de Saúde), a universalidade, garante que além de mulheres no ciclo-gravídico, outros grupos também sejam atendidos com excelência nos processos do SUSa, independente da sua fase reprodutiva.

Nesse contexto, o acesso a métodos contraceptivos é essencial, essa escolha perpassa por circunstâncias socioeconômicas específicas como classe social, escolaridade e tipo de união, além de claro, idade da mulher. O conjunto desses determinantes implica no atual declínio do nível de fecundidade da América Latina (BARROS, 2012). Um estudo demográfico comparou dados oriundos da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS, 2006) do Brasil e da Encuesta Nacional de Dinámica Demográfica - ENADID 2009 do México, que explica as políticas de natalidade e planejamento familiar de cada país, expondo suas diferenças, que de alguma maneira acabaram coincidindo para uma mesma baixa de fertilidade (BARROS, 2012).

Conforme os autores, determinadas situações da vida da mulher, interferem no método contraceptivo que ela escolhe para si. O fato de serem casadas ou unidas demonstra diferença significativa no emprego do método, demonstrando que as unidas fazem menos uso e que as com baixa escolaridade, menor uso ainda. Compreender quais são as possibilidades



torna-se relevante para desenvolver um sistema de contracepção eficiente, que controle sua fecundidade. Segundo o PNDS 2006, neste ano, o método mais utilizado era a esterilização feminina, entretanto, estudos atuais demonstram que os anticoncepcionais orais tornaram-se os mais usados, isso demonstra como fatores sociais alteram-se e em consequência, a visão da mulher moderna modificou-se para atender suas demandas.

Os métodos anticoncepcionais hoje, de maneira geral, são divididos em dois grupos principais, sendo os reversíveis classificados como: de barreira, comportamentais, dispositivos intrauterinos, hormonais e de emergência, já os irreversíveis classificam-se como: esterilização cirúrgica feminina e masculina (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia – FEBRASGO, 2015). Os fatores que estão associados aos riscos estão ligados intimamente a cada mulher e suas especificidades. Fatores como tabagismo ou doenças sanguíneas que possam causar trombose ou acidentes vasculares são sim expressivos e trazem riscos claros àqueles que fazem uso de anticoncepcionais sem orientações médicas e acompanhamento. Contudo, após mais de 50 anos da comercialização do primeiro anticoncepcional ainda existe ambiguidade sobre o assunto.

Os hormônios estrogênio e progesterona além de prestarem suas funções como bloqueadores da ovulação, inibindo a secreção do FSH - Hormônio Folículo Estimulante, atuam sobre receptores presentes nos vasos sanguíneos (BRITO, 2010). Este processo subjacente a sua função principal é que resulta nos efeitos adversos associados ao uso desse anticoncepcional, o etinilestradiol induz a alterações consideráveis na produção de trombina e fatores de coagulação, onde a concentração deste hormônio está diretamente ligada a essas alterações sendo que, dosagens ≤ 50 mcg podem aumentar em até 2x o risco de tromboembolismo venoso (BRITO, 2010). Entretanto, no mercado atual, as dosagens giram em torno de 15 - 20 mcg de estrogênio resultando em diminuição de risco associado. Outro fator a ser considerado é a associação a progestagênios, como o gestodeno. Esta combinação pode aumentar o risco de eventos cardiovasculares dependendo da geração do progesterona utilizada, sabendo que os de terceira geração têm mais evidência de aumento de gravidade de risco. O levonorgestrel é um progestagênio de segunda geração que apresenta maior segurança em relação ao aparecimento de trombose.

A interferência das redes e mídias sociais são fatores relevantes que impactam na escolha considerando a influência da internet na atual sociedade. Além disso, o uso dos anticoncepcionais ocorre cada vez mais cedo, não apenas como método contraceptivo, mas



também para amenizar outros sintomas relacionados às mudanças hormonais percebidas por essas jovens, como a acne.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos que compreendam a relação da mulher jovem com o seu método de contracepção são essenciais para o desenvolvimento de estratégias que atendam às expectativas de cada usuária, levando em consideração como peça chave sua saúde e bem-estar. Porém ainda há necessidade de mais estudos específicos que indiquem com clareza e em definitivo a relação entre risco e benefícios do uso desses hormônios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Juliana Vasconcelos de Souza. Prevalência, conhecimento e tipos de métodos contraceptivos utilizados pelas mulheres, segundo o tipo de união: um estudo para Brasil e México. **XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais/ABEP**. Anais. 2012, p. 2 – 17. Acesso em: 16/04/2021. Disponível em: <bitly.com/4ExxL>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Pesquisa nacional de demografia e saúde da criança e mulher (PNDS), 2006. Acesso em: 22/03/2021. Disponível em: <https://bitly.com/9YYA9>

BRITO, Milena B; NOBRE, Fernando; VIEIRA, Carolina S. Contracepção hormonal e o risco cardiovascular. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia - ABC**. São Paulo. 2010.

DIAS, Tânia Maria *et al.*; A pílula da oportunidade: discursos sobre as pílulas anticoncepcionais em *A Gazeta da Farmácia*, 1960-1981. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, jul.-set. 2018, p. 725-742. Acesso em: 20/03/2021.

HEE, Lene; KETNER, Laura O.; VEJTORP, Mogens. Uso contínuo de anticoncepcionais orais: uma visão geral dos efeitos e efeitos colaterais. **Acta Obstet Gynecol Scand**, v. 92, n. 9, p. 125-136. 2012 Acesso em: 23/03/2021.

LACKYE, Elsy; FAIRCHILD, Amy; The birth control pill, thromboembolic disease, science and the media: a historical review of the relationship. **Contraception Journal**. Elsevier. v. 94, ed. 4, p. 295-302, 01 de outubro de 2016. New York, Elsevier, 2016. Acesso em: 20/03/2021.

NIENKOTTER, Fernanda; Perfil de contracepção e efeitos colaterais relacionados ao uso de métodos contraceptivos hormonais combinados entre estudantes de medicina. **Arquivos catarinenses de medicina**. 2018. Palhoça – Santa Catarina. Acesso em: 07/05/2021.